

A IMPORTÂNCIA DO ENCONTRO: CONTRIBUIÇÕES DE UMA RELAÇÃO HUMANIZADA PARA O SUCESSO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Agnaldo Aparecido Geremias¹

RESUMO: A educação a distância (EaD) emerge na contemporaneidade como uma modalidade que ultrapassa fronteiras físicas, desafiando os conceitos tradicionais de ensino. Este estudo investiga as nuances da EaD à luz dos conceitos do "Encontro" de Martin Buber, do "Convívio" na construção de comunidades virtuais, e da dualidade "Lugar e Não Lugar" segundo Marc Augé. Esses elementos moldam as experiências de professores e alunos em ambientes virtuais, proporcionando uma visão ampliada das complexidades educacionais, especialmente no Brasil, com seus desafios socioeconômicos e culturais. A interseção das teorias de Buber e Augé com a prática da EaD revela a essência dos encontros virtuais e a necessidade de humanizar o ambiente virtual, promovendo interações autênticas. No contexto do "Convívio", a EaD é vista como um ambiente potencialmente enriquecedor, onde a colaboração e a interação são fundamentais para a criação de comunidades de aprendizado. A dualidade "Lugar e Não Lugar" na EaD destaca o desafio de transformar o espaço virtual em um local significativo de aprendizado, ao mesmo tempo que se reconhece sua natureza transitória. Esta análise abrangente oferece insights para a construção de uma educação inclusiva e transformadora, adaptada às diversas realidades dos estudantes brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Humanização; Comunidades Virtuais.

INTRODUÇÃO

Na dinâmica contemporânea da educação, a modalidade a distância (Cead) emerge como um fenômeno que transcende fronteiras físicas, desafiando conceitos convencionais de ensino e aprendizado. Neste diálogo reflexivo, exploramos as nuances da EaD à luz de conceitos fundamentais como o "Encontro", inspirado na filosofia de Martin Buber, o "Convívio" como elemento-chave na construção de comunidades virtuais e, por fim, a dualidade do "Lugar e do Não Lugar", a partir das perspectivas da antropologia de Marc Augé. Esses elementos não apenas delineiam as experiências de professores e estudantes em ambientes virtuais, mas também proporcionam uma visão ampliada e poética das complexidades educacionais, especialmente no contexto brasileiro, marcado por desafios socioeconômicos e culturais.

¹Doutorando em Educação pela Universidade Mackenzie, Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), graduado em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil e especialista em Gestão de Políticas Públicas Integradas para Infância e Adolescência pela Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. É membro do pool de professores formadores da Paulus Social desde o ano de 2016. Atualmente, exerce o cargo de coordenador do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade FOCUS, curso no qual ministra várias disciplinas. Tem experiência nas áreas de Educação, Assistência Social, Arte-educação e Educação Social, com ênfase em gestão, execução de medidas socioeducativas em meio aberto, acolhimento institucional e desenvolvimento social. Email: agnaldo.geremias@gmail.com.

Ao trazer à tona a interseção entre as teorias de Buber e Augé a prática da EaD, mergulhamos na essência dos encontros virtuais, nos quais a conexão humana se desenha por meio de telas e plataformas digitais. A compreensão das palavras-princípio² "Eu-Tu" e "Eu-Isso", a partir das construções de Buber, não apenas enriquece a interação entre educadores e educandos, mas também lança luz sobre a necessidade de humanizar o ambiente virtual, transformando-o em um espaço de relações autênticas. No âmbito do "Convívio", a discussão se estende para além da mera transmissão de conhecimento, explorando a criação de comunidades de aprendizado, nas quais a colaboração e a interação são fundamentais. Consideramos como a EaD, por meio de estratégias pedagógicas inovadoras, pode se revelar como um ambiente de convívio enriquecedor, ainda que se apresente, *a priori*, como um espaço educativo desafiador para o estabelecimento de relações aproximadas e significativas. Por fim, a dualidade entre o "Lugar e o Não Lugar" na EaD se revela como um tema central. Diante da virtualidade, examinamos como a educação a distância pode ser interpretada como um "Lugar" simbólico de aprendizado, mas também como um "Não Lugar" transitório, desafiando noções tradicionais de ensino presencial. Ao unir esses elementos, propomos uma análise abrangente que não apenas destaca as complexidades da EaD, mas também oferece insights para a construção de uma educação significativa, inclusiva e transformadora em meio às diversas realidades dos estudantes brasileiros.

1. O ENCONTRO

O encontro e a convivência desempenham papéis fundamentais na modalidade de Educação a Distância (EaD), estando intrinsecamente ligados às perspectivas dos "sentimentos de 'Eu' e de 'Nós'" traduzidos por Martin Buber:

O *Tu* encontra-se comigo. Mas sou eu quem entra em relação imediata com ele. Tal é a relação, o ser escolhido e o escolher, ao mesmo tempo ação e paixão. [...]. A união e a fusão em um ser total não podem ser realizadas por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O *Eu* se realiza na relação com o *Tu*; é tornando *Eu* que digo *Tu*. Toda vida atual é encontro. (BUBER, 1974, p. 49, itálicos do autor)

Por outro lado, a abordagem de Carlos Rodrigues Brandão sobre o processo educativo como um "bailado de gestos de corpos dóceis, mãos hábeis, olhos acurados que se encontram face a face e, juntos olham em uma mesma direção" é bastante pertinente ao contexto da EaD (Brandão, 2017).

² Para Buber, a palavra princípio *Eu-Isso* se apresenta como uma abordagem objetiva, utilitarista, de interesse. Por outro lado, a relação representada pela palavra princípio *Eu-Tu*, valoriza a proximidade, o encontro e uma atitude acolhedora daqueles que se relacionam.

Esta visão de Brandão dialoga com as ideias de Buber (1974) sobre a natureza transformadora das relações humanas. Buber destaca que não busca transmitir ensinamentos, mas sim estabelecer um diálogo significativo, algo que encontra ressonância nas práticas educativas a distância.

[...] para Buber, cada atitude humana é atualizada por uma das palavras-princípio, *Eu-Tu* ou *Eu-Isso*, elementos conceituais e centrais da sua teoria. A palavra-princípio, ao ser proferida, pronunciada, evidencia uma atitude de existência. Neste sentido, a relação humana não soa como uma propriedade do homem, mas algo que se encontra entre sua consciência e o mundo ou o objeto, revelando-se como um acontecimento entre ele e aquele com o qual se defronta. (GEREMIAS, 2020, p. 39, itálicos do autor)

Uma abordagem na qual a educação, ao ser considerada como uma relação essencialmente humana, não se apresenta como uma transmissão unilateral de conhecimento, mas sim como um diálogo constante entre aquele que educa e aquele que é educado: "Não tenho ensinamentos a transmitir... Tomo aquele que me ouve pela mão e o levo até a janela. Abro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas conduzo um diálogo", assevera Buber. As dimensões do Encontro propostas por Buber a partir das palavras-princípio, traduzem-se de maneira significativa na Educação a Distância, sobretudo se considerarmos que o ambiente virtual de aprendizagem revela infinitas "janelas hipertextuais", através das quais o educador pode apontar caminhos potencialmente transformadores na vida dos estudantes.

Atendo-nos um pouco mais às construções conceituais de Buber, temos que a relação *Eu-Isso* se apresenta como uma abordagem objetiva, utilitarista, de interesse, vale dizer, o tipo de relação que mais se destaca contemporaneamente, sobretudo se considerarmos os ambientes virtuais de relacionamento. A relação representada pela palavra princípio *Eu-Tu*, por seu turno, valoriza a proximidade, os encontros e a construção de relações acolhedoras. Nesta trilha, a partir de uma atitude intencional pautada nas perspectivas da palavra princípio *Eu-Tu*, a educação a distância, pode compor metodologias que reconheçam, compreendam e coloquem em ação espaços educativos que, apesar de permeados pelo constante desafio imposto pela distância, sejam capazes de promover uma convivência virtual que vá muito além do aspecto conteudista, instrumental. Assim a valorização do Encontro é essencial para subverter o distanciamento em oportunidades de aproximação, e assim, superar os desafios da EaD. O educador precisa se apropriar da dimensão do Encontro para perceber e aproveitar cada oportunidade pedagógica que surge no ambiente virtual de aprendizagem.

Uma vez consciente da singularidade de cada encontro virtual, o educador a distância pode transformá-los em oportunidades didáticas, pedagógicas, sócio-pedagógicas, que contribuam efetivamente para a formação integral dos sujeitos. Não é necessário que se diga que a abordagem do Educador a Distância é desafiadora, já que o ambiente virtual pode, em certa medida, parecer impessoal e distante. É no encontro virtual, no entanto, que ele cria, recria e implementa suas estratégias educativas, estabelecendo um diálogo constante e fomentando oportunidades únicas de aprendizado. Assim, durante o processo educativo, o educador a distância precisa lidar com processos dialógicos, com a constante necessidade de construção e reconstrução, ou seja, com as nuances da organização, desorganização, reintegração e reorganização. Morin, demonstra-nos essas perspectivas a partir do princípio dialógico e do conceito de auto-ecoorganização:

Um aspecto chave da vida é que ela se regenera permanentemente a partir da morte de suas células, segundo a fórmula de Heráclito, “viver de morte, morrer de vida”; e as ideias antagônicas de morte e vida são, ao mesmo tempo, complementares e antagônicas. O princípio dialógico acaba justamente de ser ilustrado pela fórmula de Heráclito. Ele une dois princípios ou noções que deviam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade. [...] a dialógica permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo. Niels Bohr, por exemplo, reconheceu a necessidade de conceber partículas físicas como corpúsculos e como ondas, ao mesmo tempo. (MORIN, 2003, p. 96)

Assim, diante da natureza efêmera e irrecuperável de cada interação virtual, o educador a distância deve agir de forma consciente e intencional, sobretudo se aquilo que deseja é transformar cada encontro em oportunidade educativa. Nesse sentido, cada mensagem, fórum de discussão, interação síncrona ou assíncrona representa uma chance de contribuir para a formação e a transformação social dos alunos. Vale então, reafirmar mais uma vez que, assim como em todos os espaços educativos, na modalidade EaD, o encontro não pode se limitar à simples transmissão de informações, mas sim à criação de uma atmosfera propícia para a construção de significados e o estabelecimento de relações autênticas.

Ao seguir a trilha reflexiva proporcionada por Buber, o educador a distância compreende que a verdadeira educação acontece quando ele se envolve em um diálogo constante, promovendo relações Eu-Tu em um contexto virtual. Assim, como Buber destaca que “o Eu se realiza na relação com o Tu” e que “Toda vida atual é encontro” (BUBER, 1974, p. 49), o educador a distância necessita perceber que sua própria identidade como facilitador do conhecimento se desenvolve na interação devotada, conscienciosa e plena de intencionalidade com os alunos.

Nesse contexto, a união e a fusão dos conhecimentos em um aprendizado abrangente e significativo não podem ser alcançadas sem a participação ativa do educador a distância, algo que o torna o mediador essencial para a construção de uma comunidade virtual de aprendizado. Na Educação a Distância, é o Encontro que proporciona as bases para uma prática educativa significativa, a partir da qual a tecnologia se torna um meio para promover a verdadeira essência do diálogo e da aprendizagem colaborativa. A partir dessa tomada de consciência acerca do poder transformador dos encontros virtuais, o educador pode se tornar um agente ativo na construção de um ambiente educacional, suplantando, intencionalmente, as barreiras físicas, abrindo espaços para a humanização e a formação integral dos sujeitos.

2. O CONVÍVIO

Continuando no diálogo com Buber, torna-se imperativo considerar outra dimensão essencial na EaD: o Convívio. Trata-se de um componente fundamental e dos mais complexos no processo educativo a distância, possibilitando-nos a reflexão acerca das nuances particulares dessa modalidade de ensino.

O Convívio na EaD, apresenta-se como uma dimensão-chave e, ao mesmo tempo, desafiadora. Enquanto cada encontro virtual é singular e único, o convívio cotidiano pode parecer permeado por elementos repetitivos, assemelhando-se a uma experiência monótona. No entanto, é crucial agir no sentido de subverter essa percepção, transformando o convívio em vivência. Em um contexto virtual, é necessário criar espaços que propiciem a convivência autêntica, onde os participantes possam viver juntos, compartilhar experiências e construir relações mais profundas.

A citação de Buber sobre o "experimentador" ressoa na EaD, como uma realidade educativa na qual a mera absorção de conteúdo, sem que haja a participação ativa dos alunos no mundo do conhecimento corre o risco de acontecer. Essa ausência da participação, coloca o aluno no lugar de um "experimentador", como discute Martin Buber:

O experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza "nele" e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois, ele nada faz com isso e nada disso o atinge. O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio *Eu-Isso*. A palavra-princípio *Eu-Tu* fundamenta o mundo da relação (BUBER, p. 45, itálicos do autor)

A abordagem dialógica proposta por Buber sugere que a EaD deve ir muito além da transmissão unilateral de informações, promovendo uma interação constante entre educadores e educandos, a fim de que a experiência educativa seja enriquecedora para ambos.

Tal ambiente só será possível, em grande medida, diante da potencialização do convívio, rumo à construção de um senso de comunidade. Sobre o conceito de comunidade, Bauman (2003) nos coloca a pensar. Para ele, a comunidade se apresenta como algo que mais se aproxima de uma questão metafísica, um ideário que se revela no campo do desejo, da intangibilidade. Bauman elabora esta construção a partir da relação entre dois elementos antagônicos, quais sejam, a liberdade e a segurança. Num ambiente plenamente comunitário, o que se busca é a segurança individual e coletiva. Para que se coexista numa realidade permanentemente segura, no entanto, cada componente dessa comunidade, haverá de renunciar a sua liberdade, ou ao menos, de grande parte dela. Não há, pois, como se pensar em segurança num ambiente de convívio de liberdades absolutas. Este é o paradoxo que se interpõem entre a existência ou não de uma comunidade real.

A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo; não achar a solução correta e ficar frustrado com a solução adotada não nos levará a abandonar a busca — mas a continuar tentando. Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la. (BAUMAN, 2003, p. 10-11)

É importante perceber que, embora a tese da inexequibilidade da comunidade seja defendida por Bauman, ele não afirma decididamente que a existência de um convívio autenticamente comunitário seja algo inalcançável. Ao contrário, deixa-nos a esperança como uma nuance motivadora a nos compelir para continuar acreditando, ainda que a existência de uma comunidade legítima nos seja, em certa medida, intangível. Neste sentido, adotando uma perspectiva Freiriana e, seguindo a esperança que nos alimenta na jornada em defesa da educação, reafirmamos nossa crença nas possibilidades de construção e manutenção de comunidades, destacadamente comunidades educativas, ainda que virtuais. Como fio condutor da nossa crença, atemo-nos à prática consciente das perspectivas do convívio, a partir das quais entendemos que conviver é viver junto e, viver junto, somente possível num ambiente comunitário. Ainda que esse ambiente esteja distante do nosso ideal de comunidade, continuaremos esperançosamente tentando.

3. O LUGAR E O NÃO LUGAR

Ao adentrarmos a discussão sobre o "Lugar e o Não Lugar", é possível estabelecer de início, uma conexão com a problemática habitacional enfrentada por muitas famílias brasileiras, questão recorrente nos históricos dos alunos de EaD. A detenção de um local de estudo fixo e apropriado torna-se um desafio, refletindo as dificuldades de muitas famílias em garantir uma residência digna.

A ideia de "Lugar", nesse contexto, apresenta-se como um anseio, um espaço concreto para aprender, compartilhar e construir conhecimento. A EaD, contudo, apesar de proporcionar um espaço virtual e acessível de aprendizado, pode ser vista como um "não-lugar" no sentido proposto por Augé, onde o espaço é mais uma experiência do que um local identitário. É fundamental reconhecer essa natureza transitória da EaD, especialmente considerando o cenário brasileiro, marcado por desafios socioeconômicos e educacionais.

A reflexão sobre o "Lugar e o Não Lugar" na EaD se amplia quando confrontamos a realidade de alunos que, por diferentes circunstâncias, encontram-se em trânsito, muitas vezes afastados de ambientes familiares funcionais. Nesse sentido, a EaD precisa ser compreendida como um espaço de convívio temporário e cuidado, um "não-lugar" que, paradoxalmente, pode ser transformado em um "Lugar" simbólico de aprendizado. Como vimos anteriormente, Edgar Morin, ao falar sobre o princípio dialógico e da auto-ecoorganização, oferece uma perspectiva complexa e paradoxal, sugerindo que conceitos opostos podem coexistir em uma mesma realidade. Da mesma forma, a EaD pode ser tanto um "Lugar" de interação e aprendizado quanto um "não-lugar" marcado pela ausência de elementos físicos tradicionais.

Assim sendo, na Educação a Distância, é preciso reconhecer a dualidade do "Lugar e do Não Lugar", criando ambientes virtuais de aprendizado que proporcionem uma sensação de pertencimento, mesmo que temporários, que sejam capazes de contribuir para a construção de identidades educativas e, mais do que isso, para sua formação integral. Essa abordagem dialógica e paradoxal pode ser uma estratégia poética e inspiradora para superar os desafios impostos pela realidade brasileira na EaD. Ao considerarmos a dualidade do "Lugar e do Não Lugar" na Educação a Distância, torna-se fundamental refletir sobre a natureza transitória e, ao mesmo tempo, transformadora desse espaço virtual de aprendizado.

O espaço como prática dos lugares e não do lugar procede, na verdade, de um duplo deslocamento: do viajante, é claro, mas também, paralelamente, das paisagens, das quais ele nunca tem senão visões parciais, "instantâneos" [...] existem espaços onde o indivíduo se experimenta como espectador, sem que a natureza do espetáculo lhe importe realmente. Como se a posição do espectador constituísse o essencial do espetáculo, como se, em definitivo, o espectador, em posição de espectador, fosse para si mesmo seu próprio espetáculo [...] O espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do *não-lugar*. (AUGÉ, 1994, p. 80-81, itálicos do autor)

A abordagem metafórica proposta por Marc Augé, na qual o espaço do viajante é visto como o exemplo do "não-lugar", ganha relevância ao se pensar na experiência dos estudantes na EaD.

No contexto brasileiro, principalmente, uma realidade marcada por desigualdades sociais e educacionais, muitos estudantes de EaD podem se identificar como "viajantes" temporários em suas próprias trajetórias educativas. A falta de acesso a recursos, a instabilidade habitacional e outros desafios socioeconômicos podem contribuir para a percepção da EaD como um "não-lugar". Contudo, essa visão não deve limitar-se a uma perspectiva negativa, mas deve sim ser transformada em uma oportunidade de construir significados e identidades educativas. A compreensão de que a EaD, embora virtual, pode ser tanto um "Lugar" simbólico quanto um "não-lugar" efêmero, é decisiva para a criação de estratégias pedagógicas que considerem a diversidade de contextos dos estudantes brasileiros. É necessário construir, virtualmente, espaços de convívio que proporcionem uma sensação de pertencimento (mesmo que estes sejam temporários), e que permitam a construção de relações autênticas, vivas, humanas, humanizadas e humanizadoras.

Nesse sentido, a ideia de "Lugar" na EaD pode ser interpretada como a criação de ambientes virtuais acolhedores, que, assim como o Encontro, e o Convívio, necessitam ir muito além da simples transmissão de conteúdo, promovendo a interação e a construção participativa e democrática do conhecimento. Por outro lado, é mister reconhecer o caráter efêmero desse espaço, ciente de que os estudantes podem estar em trânsito, enfrentando desafios específicos que influenciam seu engajamento na aprendizagem.

A abordagem dialógica, inspirada mais uma vez nas reflexões de Morin, sugere que a EaD pode ser, ao mesmo tempo, um "Lugar" de construção de identidades e um "não-lugar" que desafia conceitos preestabelecidos de ensino e aprendizado. Essa dualidade permite a coexistência de ideias contraditórias, subvertendo-as em concepções complementares, enriquecendo a experiência educativa e adaptando-se à complexidade da realidade brasileira. Diante do cenário de incertezas e desafios enfrentados pelos estudantes, a EaD deve ser concebida como um espaço de convívio que transcende as limitações físicas e geográficas. A busca por estratégias inovadoras, a inclusão de tecnologias acessíveis e, sobretudo a promoção de interações humanizadas são elementos essenciais para construir esse "Lugar" virtual, no qual os estudantes possam se sentir como partícipes de uma comunidade educativa, mesmo que estejam em trânsito por diferentes realidades.

Podemos assim, propor, mesmo que de maneira provisória, em face deste limitado espaço reflexivo, estratégias possíveis, a fim de que os Educadores possam colocar em prática, ações significativas a partir do conceito de "Lugar e não Lugar".

O primeiro deles é a Inclusão Digital e Acessibilidade. Ao discutir a natureza da EaD como "Lugar" e "Não Lugar", é importante abordar as questões de inclusão digital e acessibilidade. Muitos estudantes brasileiros enfrentam desafios relacionados à falta de acesso à internet de qualidade e dispositivos adequados. Portanto, a EaD, embora virtual, pode ser percebida como um "Não Lugar" para aqueles que não têm as condições necessárias para participar plenamente. Nesse sentido, é fundamental adotar práticas inclusivas e tecnologias acessíveis, garantindo que a experiência educativa seja equitativa para todos.

Podemos citar também, como aspectos importantes dessa proposta, a Cultura e Identidade. A diversidade cultural do Brasil implica em uma variedade de experiências educativas. A EaD, ao ser entendida como um "Lugar", deve levar em consideração a pluralidade cultural dos estudantes. Isso implica em reconhecer e valorizar as diferentes identidades, proporcionando um ambiente que respeite e promova a expressão cultural. Por outro lado, a EaD como "Não Lugar" pode desafiar as normas tradicionais de ensino, permitindo a coexistência e a interação de múltiplas perspectivas.

A construção do "Lugar" na EaD também está relacionada ao que podemos chamar de Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Colaborativas, ou seja, apesar da virtualidade, é possível promover interações significativas entre os estudantes, criando comunidades de aprendizagem. A EaD pode ser tanto um espaço de convívio quanto um "Não Lugar" se não houver estratégias eficazes para estimular a colaboração, a troca de ideias e o trabalho conjunto.

Por outro lado, a dualidade do "Lugar e do Não Lugar" também se manifesta no processo de avaliação. Chamaremos essa dimensão de Avaliação e Reconhecimento. Como construir avaliações que considerem a individualidade dos estudantes e, ao mesmo tempo, promovam a validação de seus esforços em um ambiente virtual? A EaD, ao ser um "Lugar" de aprendizado, deve encontrar métodos de avaliação que vão além da mera transmissão de conhecimento, valorizando, principalmente, as contribuições individuais e coletivas.

Ao abordar tais aspectos, a dualidade do "Lugar e do Não Lugar" na EaD pode adquirir nuances mais profundas, respeitando a complexidade da realidade brasileira e oferecendo insights para aprimorar as práticas educativas a distância. Essa reflexão constante é essencial para garantir que a EaD não apenas forneça conteúdo, mas também promova um ambiente educativo inclusivo, significativo e transformador para todos. A dualidade do "Lugar e do Não Lugar" na EaD, à luz das reflexões propostas, convida-nos a uma reavaliação constante das práticas pedagógicas, considerando a diversidade de experiências dos estudantes brasileiros.

Essa abordagem dialógica pode ser a chave para transformar a EaD em um espaço educativo significativo, capaz de transcender barreiras e promover a construção coletiva do conhecimento em meio às complexidades da realidade nacional.

CONSIDERAÇÕES

Em um cenário educacional em constante transformação, a modalidade de Educação a Distância (EaD) se destaca como um campo de reflexão e prática que desafia conceitos tradicionais e redefine a experiência de aprendizado. À luz das perspectivas do "Encontro", inspiradas na filosofia de Martin Buber, emergem questionamentos essenciais sobre a natureza das interações humanas, contemporaneamente mediadas por telas e interfaces digitais. A compreensão das palavras-princípio "*Eu-Tu*" e "*Eu-Isso*" ressalta a importância de cultivar conexões autênticas em um ambiente virtual, no qual a humanização se apresenta como a peça-chave para uma educação significativa.

O "Convívio", por sua vez, elemento intrínseco à construção de comunidades, sejam elas virtuais ou não, revela-se como um caminho possível e necessário para uma EaD enriquecedora. Além da transmissão de conhecimento, a criação de espaços de colaboração e interação pode ser capaz de promover não apenas a construção de saberes, mas, principalmente, o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais. Tais habilidades devem ser capazes de promover uma relação mais aproximada, solidária, humana, humanizada e humanizadora.

Uma vez concebida como um "Lugar" de convívio, a EaD, pode transcender a virtualidade, transformando-se em um ambiente a partir do qual a comunidade de estudantes possa ser protagonista. Por outro lado, as ambiguidades entre o "Lugar e o Não Lugar" na EaD adiciona à nossa reflexão uma camada complexa. Ao reconhecer que muitos estudantes podem perceber a EaD como um "Não Lugar" devido a desafios socioeconômicos e culturais, é imperativo que se crie e implemente estratégias inclusivas. A acessibilidade digital, a consideração da diversidade cultural e a promoção de ambientes virtuais acolhedores são elementos essenciais para construir um "Lugar" simbólico, mesmo que sabidamente transitório, mas com potencial para a promoção de aprendizados autênticos e significativos.

A EaD transcende as barreiras físicas, desafiando-nos a repensar as formas tradicionais de ensino. O "Encontro" virtual, o "Convívio" colaborativo e a dualidade do "Lugar e do Não Lugar" convergem para uma educação a distância que busca não apenas transferir conhecimento, mas construir experiências educativas ricas, inclusivas e transformadoras.

À medida que navegamos por esse terreno em evolução, é vital permanecer aberto à inovação, à adaptação e à compreensão dos contextos desafiadores que envolvem o aprendizado em um mundo cada vez mais complexo, digital e diversificado.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BUBER, M. **Eu e Tu**. 10. ed. São Paulo: Centauro, 1974.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2017. E-book.

GEREMIAS, A. A. **O olhar social como elemento metodológico e constitutivo do processo socioeducativo**. 2020. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2020.

MORIN, E. **O método 1**: a natureza da natureza. Mem Martins: Europa-América, 1997.